

O GRUPO MATUTINO DE QUINTA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO MAQUETE

Nayara Karoline Correa Pereira*
Vânia Monteiro de Menezes
Paola Biasoli Alves
Vera Lucia Blum

O enfrentamento do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas é questão que vem tomando vulto nas políticas governamentais nos últimos anos. No documento “Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e outras Drogas” (2004), é traçado um panorama sobre o uso de álcool e outras drogas tratando-o como um problema de saúde pública. O documento traz relatos de como deve ser o tratamento dos usuários, assumindo-o de modo integral e articulando o desafio de prevenir, tratar e reabilitar. Apesar disso, as diretrizes governamentais oscilam entre uma política repressiva de combate às drogas e uma política de assistência aos usuários, pendendo ora para uma, ora para outra estratégia. Dentre essas ações, o PET-Saúde (Programa de Ensino pelo Trabalho para a Saúde) tem suas ações intersetoriais direcionadas para o fortalecimento de áreas estratégicas para o Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com seus princípios e necessidades.

O PET-Saúde/ Saúde Mental / Crack, Álcool e outras Drogas foi criado no âmbito do PET-Saúde, com o lançamento do edital conjunto nº 27, de 17 de setembro de 2011. O projeto proposto para os municípios de Cuiabá e Várzea Grande, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Secretaria Estadual de Saúde de Mato Grosso, Secretaria Municipal de Saúde de Cuiabá e Secretaria Municipal de Saúde de Várzea Grande, incluiu a inserção de estudantes em campo, acompanhando o trabalho dos técnicos da equipe multiprofissional em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) das duas cidades. As atividades foram focadas no ensino, pesquisa e extensão, com a supervisão de tutores e coordenadores do corpo docente da Universidade e a reflexão teórica acerca das experiências.

Este trabalho traz o relato de um projeto de extensão, denominado Projeto Maquete, realizado durante os meses de outubro de 2011 a março de 2012, na vigência do PET-Saúde / Saúde Mental / Crack, álcool e outras drogas. Foi realizado em parceria com a equipe

multiprofissional do CAPS Álcool e Drogas (CAPS AD) do Centro Integrado de Atenção Psicossocial Adauto Botelho (CIAPS Adauto Botelho) de Cuiabá e com a participação de seus usuários e familiares.

A ação consistiu na construção de uma maquete sintetizada da cidade de Cuiabá com foco na representação lúdica de equipamentos que formam a rede de atenção psicossocial à saúde, bem como a representação de cenas urbanas escolhidas pelos participantes da oficina, retiradas de suas próprias vivências. Na maquete constaram os equipamentos da rede de saúde pública propriamente dita, e equipamentos da rede de ensino, esporte, lazer e cultura. O desenvolvimento do projeto se deu a partir de oficinas realizadas junto à equipe e usuários do CAPS AD em Cuiabá. Pela técnica da maquete procurou-se dar visibilidade à rede psicossocial de atenção à saúde em Cuiabá, identificando na concretude da representação seus pontos fortes e fracos, além de se propor como uma atividade terapêutica para os usuários dos CAPS, ao dar forma, na maquete, à história da cidade onde vivem e a suas próprias vivências.

O Projeto Maquete sob três perspectivas

O ano de 2001 foi um marco para a história da saúde mental no Brasil, com a promulgação da Lei 10.216 que redirecionou todo o modelo assistencial em saúde mental. São, portanto, mais de dez anos de construção de um projeto de saúde mental, e um projeto ousado, pensado em termos de rede, de cooperação, de integração, de intersetorialidade. Desde o início se sabia da complexidade de tal projeto e da necessidade de um trabalho de construção, de tecer a rede, pois uma mudança de paradigma não se faz de uma hora para a outra. Dessa forma, o trabalho de consolidar essa rede está aí posto para todos os profissionais que nela atuam, exigindo um movimento contínuo feito no cotidiano dos serviços de saúde, aumentando a comunicabilidade entre as unidades do mesmo nível de atenção, e entre as unidades básicas de saúde e as da atenção secundária, entre os dispositivos desta e os da atenção terciária. Mas quando se fala em rede, o conceito não fica restrito aos dispositivos da assistência à saúde. O modelo de atenção psicossocial trabalha com o conceito de territórios e seus dispositivos buscam trabalhar com base territorial. No entanto, muito se ouve nos serviços sobre a incipiência da rede: não só os vínculos entre os diferentes níveis de atenção mas também os vínculos com o território são frágeis ou inexistentes.

Uma das hipóteses que podemos levantar sobre a incipiência da rede é o fato de seus dispositivos não trabalharem com base territorial justamente porque seus territórios se tornam a cidade inteira. É uma demanda macro para um projeto cuja atuação deveria ser micro, focada, colocando empecilhos que podem vir a inviabilizar a proposta. Por uma primeira perspectiva, que chamamos de apoio e incentivo à consolidação da rede, o Projeto Maquete se justificou por prever um levantamento dos recursos existentes no território e por procurar a parceria com esses dispositivos. Estabelecer esses laços é trabalhar na cosedura dessa rede.

A insuficiência dos dispositivos ofertados funciona como furos na rede e há necessidade de tornar esses furos visíveis não só para a população, usuários ou não da rede de assistência à saúde, mas para nossos representantes legais. A maquete tem um potencial de conscientização para todos esses grupos, uma vez que traz para o concreto aquilo que, de outra forma, apresentado como dados em levantamentos e pesquisas, parece não estar sendo assimilado.

Piaget propunha uma teoria do desenvolvimento cognitivo a partir de determinados estágios de modo que, no estágio operatório concreto, as operações mentais só atuam sobre objetos concretos e não sobre hipóteses e, para chegar a um raciocínio correto, o sujeito precisa da existência concreta dos exemplos ou materiais que ele utiliza para apoiar seu pensamento, de modo que possam ser observados e/ou manipulados no momento de sua elaboração. Quando o indivíduo atinge o ponto de equilíbrio do estágio operatório formal, o pensamento se torna livre das limitações da realidade concreta, podendo operar com hipóteses. A concretude da maquete trabalha nesse sentido do operatório concreto, colocando no campo de observação da pessoa um material em que ela pode apoiar seu pensamento para chegar à formação de uma ideia mais clara da situação da rede de saúde em Cuiabá, com seus pontos fortes e suas fragilidades. É nesse sentido que o projeto se justificou de uma perspectiva política, por seu potencial de funcionar como um instrumento de conscientização, de denúncia e de reivindicação. Uma vez que se programem exposições em diferentes eventos, seja em comunidades, congressos científicos ou reuniões políticas, ela fala por si só, embora não diga tudo, incitando à reflexão, à discussão pública e a tomadas de ações. A divulgação dos resultados obtidos por meio da coleta de dados é outra forma de divulgar para a comunidade algo da realidade concreta do usuário de saúde mental pública.

De um perspectiva clínico-terapêutica o projeto se justificou de dois pontos de vista. Primeiro: propôs que os participantes construíssem a maquete a partir de suas experiências afetivas com a cidade, possibilitando que tocassem em conteúdos de carga emocional e, ao fazerem isso, elaborassem suas experiências por meio da confecção de objetos que a representassem. Segundo: propôs uma descoberta da cidade, não só daquilo que dela desconhecem, mas levando-os também a uma redescoberta do já há muito conhecido, de seus bairros de origem e suas histórias, incentivando a valorização dos recursos existentes e a ligação com esses lugares. É nesse segundo sentido que falamos de um “enraizamento” do sujeito no solo de seu território, aqui entendido como um conceito que está além da simples delimitação física, e o compreende como lugar vivo, constituído por comunidades formadas por pessoas e todas as trocas que podem haver entre elas. Às vezes, por serem cotidianamente habitados, os lugares e suas relações acabam por ser vistos de forma tão naturalizada e familiar que acabam por tornar-se invisíveis: estranhas. Freud, em um texto de 1919, analisa justamente as relações entre o estranho (em alemão, *unheimlich*) e o familiar (em alemão, *heimlich*) e chama a atenção para o fato de que, aparentemente, uma é a negação da outra, levando-nos a crer que o estranho é o oposto do familiar. No entanto, ao buscar a definição dessas palavras, descobre um que lhes é comum:

o que mais nos interessa nesse longo excerto é descobrir que entre os seus diferentes matizes de significado, a palavra ‘*heimlich*’ exibe um que é idêntico ao seu oposto, ‘*unheimlich*’. Assim, o que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*. (...) Em geral somos lembrados de que a palavra ‘*heimlich*’ não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de ideias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista”(Freud, 1919, p. 243).

Fazer com que o familiar não seja mais o estranho, é um dos recursos de que se lança mão na maquete, no intuito de que a visibilidade recuperada propicie às pessoas o empoderamento e a ligação com seu território. Será útil também lembrar que não esperamos e nem almejamos na produção dos objetos que comporão a maquete um resultado padronizado.

São as vivências emocionais que darão o tom às produções. Vejamos o que Nise da Silveira disse a esse respeito:

Além da distância física que existe entre o indivíduo e as coisas, diz Merleau-Ponty, há uma distância vivida que o liga às coisas significativas para ele. ‘O que garante o homem sadio contra o delírio ou a alucinação não é a sua crítica, é a estruturação do seu espaço (...). O que leva à alucinação é o estreitamento do espaço vivido, o enraizamento das coisas no nosso corpo, a vertiginosa proximidade do objeto’. E Binswager acentua que a experiência da espacialidade é essencialmente determinada pelo tom afetivo dominante no momento. O espaço adquire qualidades peculiares de acordo com o estado emocional do indivíduo: sensação de plenitude ou de vazio, de espaço amplo, iluminado, ou estreito, sombrio, opressor. (Silveira, 1981, p. 33).

Objetivos

O Projeto Maquete teve por objetivos propiciar a elaboração de vivências afetivas dos participantes; favorecer a reflexão acerca dos laços sociais estabelecidos por estes em seu território e propiciar uma visão geral dos serviços da rede de atenção psicossocial ofertados na cidade.

Método

O projeto exigiu o desenvolvimento de uma metodologia própria, que consistiu em uma etapa prévia de preparação da equipe com oficinas de sensibilização, nas quais foram trabalhadas dinâmicas de grupo que, posteriormente compuseram o roteiro das oficinas. Uma das dinâmicas, denominada “batata-quente”, consistia na formação de um círculo com os participantes, que jogavam uma “bola” enquanto a coordenadora, de costas, marcava um ritmo batendo palmas. Quando esta parava de bater palmas, ela se virava e quem estava com a “batata-quente” em mãos era solicitado a responder uma pergunta em relação às suas vivências dentro de Cuiabá. As perguntas que compunham a dinâmica foram previamente formuladas e, no momento, eram sorteadas. Um fator importante para a dinâmica era o clima

de suspense e uma atmosfera até certo ponto ansiogênica criados, pois ninguém sabia com quem estaria a batata-quente, nem qual pergunta lhe seria feita. Foram formuladas questões relativas a lugar em Cuiabá a que não se quer voltar, lugar que mudou a vida do participante, lugar que este considera especial, lugares na cidade onde se sentia acolhido, lugares dos quais se sente falta, como se anda na cidade e o que se vê, quais lugares além do CAPS se frequenta. Como trabalho prévio, construiu-se uma base de isopor de 9 m² com o mapa da cidade, posteriormente dividida em trechos, procurando seguir-se a lógica de territórios. O trabalho se deu sobre esses trechos, nos quais foram identificados e representados pontos e cenas urbanas significativos escolhidos pelos participantes, seguidos de narrativas que puseram em cena suas vivências, identificações afetivas e impressões a respeito da cidade.

O Projeto Maquete foi apresentado aos usuários do CAPS AD em três assembleias, cobrindo o período da manhã, tarde e noite, apresentando-se a proposta com a base da maquete montada e fazendo-se o convite àqueles que dela quisessem participar. Houve então o engajamento, além de usuários, de alguns profissionais do CAPS, responsáveis pela coordenação de atividades. Os horários e espaço dessas atividades foram cedidos para a realização do Projeto Maquete nos cinco encontros subsequentes. As oficinas foram realizadas com cinco grupos em dias e períodos diferentes. Tratavam-se, portanto, de grupos pré-existentes, que já se reuniam no CAPS para a realização de oficinas ou grupos operativos.

Cada encontro era conduzido por uma dupla de bolsistas do PET sendo que a uma cabia a tarefa de coordenar o grupo e à outra a tarefa de observar e registrar o que surgisse durante a oficina. Como instrumento de coleta de dados das oficinas, utilizamos o Diário de Campo, que consistiu em três registros: 1) fatos observados no decorrer da oficina com destaque para os que causam estranhamento ao observador; 2) explicitação do estranhamento e se de ordem cognitiva, afetiva ou social e 3) uma proposição teórica para interpretar o fato destacado. Em cada encontro era pedido aos participantes a autorização para que se fizessem os registros, de forma anônima. A condução da oficina também contava com o trabalho de supervisão de professoras tutoras do PET que, a cada encontro, reuniam-se com as bolsistas para avaliar o desenvolvimento da atividade e traçar diretrizes para o encontro seguinte.

Dessa forma, criou-se uma metodologia de, a partir do segundo encontro de cada grupo, ler para os participantes algumas das anotações feitas no encontro anterior, em uma

espécie de devolutiva de suas narrativas. Também a partir desse segundo encontro, os participantes eram incentivados a escolher trechos da cidade sobre os quais quisessem trabalhar. Para possibilitar a operacionalização dessa etapa, a base da maquete havia sido construída em peças, correspondentes a trechos da cidade que agregavam bairros vizinhos, como um grande quebra-cabeça. A partir da eleição desses trechos, os participantes eram convidados a construir com *biscuit* e outros materiais, aquilo que lhes parecesse significativo e a criar narrativas a partir dessas representações, que eram compartilhadas com o grupo ao final de cada encontro.

Realizados os cinco encontros de cada grupo, marcou-se com os usuários um dia em que seria realizado um encontro para fechamento da maquete, quando esta seria montada como um todo e seriam fixados os elementos construídos em todos os grupos. Tal encontro foi realizado em três períodos, abarcando os públicos da manhã, tarde e noite. Dessa forma, cada um poderia partilhar também das experiências dos outros grupos, que estavam trabalhando sobre o mesmo projeto, em uma multiplicidade de visões e narrativas sobre a cidade.

Resultados e discussão

Este trabalho relata os resultados alcançados em um dos grupos de oficina que acompanhamos, o matutino de quinta, com o qual foram realizados um total de cinco encontros. O grupo foi constituído por usuários que participavam do grupo operativo de orientação social, uma atividade desenvolvida semanalmente no CAPS AD. Para a realização do projeto, esse tempo foi cedido à realização das oficinas de maquete, contando com a participação e apoio do técnico que coordenava a atividade. Contava com a participação de homens e mulheres de diversas faixas etárias, que estavam em tratamento no CAPS AD devido a diferentes níveis de envolvimento com o álcool e outras drogas.

As atividades dos primeiros encontros iniciavam sempre com a montagem da base da maquete, no espaço da sala onde se desenvolvem atividades grupais no CAPS AD. No primeiro encontro, a base da maquete funcionou exatamente como um quebra-cabeça, no qual os participantes procuravam se referenciar mais no encaixe do contorno das peças do que na continuidade das imagens destas (neste caso, avenidas, ruas e parques representados na planta). Após a montagem, seguiu-se um momento de reconhecimento de referenciais na

cidade, estando os participantes interessados em localizar no mapa os bairros onde moravam, trabalhavam, transitavam. Esse primeiro momento de contato com o mapa inteiro da cidade era constantemente permeado por um espanto frente às distâncias que eles estavam acostumados a percorrer, sem se dar conta disso em termos espaciais. Era comum o relato sobre as dificuldades de acesso, por exemplo ao CAPS AD, com muitos de seus usuários precisando fazer trajetos que implicavam em cruzar a cidade de ponta a ponta, muitas vezes de ônibus ou de bicicleta, o que só era sentido em termos de tempo gasto para a locomoção. Mas não havia a formação de uma ideia a respeito do espaço de Cuiabá como um todo e das distâncias percorridas.

Após a montagem da maquete e o reconhecimento do espaço de Cuiabá, foi feita a dinâmica da batata quente, na qual surgiram muitas falas sobre a falta de uma estrutura básica que garanta um mínimo de qualidade de vida. Nesse sentido, emergiram relatos sobre problemas de energia elétrica e abastecimento de água, com soluções no mínimo criativas e solidárias para driblá-las. Os moradores de bairros mais carentes trouxeram ao grupo sua experiência de viver sem energia elétrica por não poder arcar com os custos da conta, e de compartilhar a água com o vizinho, ou servir-se da água deste, porque há rodízio no abastecimento da rua. Junto a essas discussões, eram trazidos à tona experiências da vida de cada um, como o conflito criado em família para que se economize luz e água, e a constatação da situação de antes ser o filho que ouvia a necessidade de economizar e hoje ser o pai que exige a economia de energia. Outro ponto de carência é relativo ao transporte público, incipiente ou inexistente em várias localidades e suas cercanias, que os participantes identificaram como um descaso dos governantes em relação aos bairros mais carentes.

Muitos dos relatos deram notícia também da atmosfera de violência vivenciada pelos participantes no seu cotidiano. Segundo os relatos, paira no ar a sensação de insegurança e de impotência frente à violência, que pode tomá-los de assalto, a qualquer momento. Isso os leva desde a uma atitude de “entrincheira-se em casa”, servindo-se de trancas e fechaduras, até a uma abdicação de fruir a cidade. Em um dos relatos, um participante conta que costumava ir a praças e cinemas como atividades de lazer, mas desiste destas depois de ser recorrentemente assaltado. Outros trazem a insegurança sentida perante a violência no trânsito e relatam uma Cuiabá onde o pedestre não pode caminhar tranquilamente, não encontra faixas de pedestres a

distâncias razoáveis e às vezes tem de andar quilômetros para encontrar uma passarela que o permita cruzar grandes avenidas.

As questões funcionaram como disparadores de narrativas a respeito de como se vive na cidade. Mas não raro, elas levaram a reflexões de cunho mais existencial. Uma resposta dada que nos surpreendeu se referia à pergunta: “Fale sobre um lugar em que você não quer mais voltar”. A resposta do participante foi: “A beber”. Enquanto nossa expectativa era a de uma resposta que apontasse uma localização na cidade, a resposta veio falar de uma posição subjetiva. O estranhamento que a resposta nos causou foi ao mesmo tempo em nível cognitivo e afetivo. Isso evidenciou o quanto a questão do lugar pode ser simbólica para o sujeito e que os níveis de existência não são nunca distintos, separáveis em “caixinhas”. Na experiência viva da cidade, lugar espacial, subjetivo e social sempre estão mesclados.

As perguntas nesse grupo foram também disparadoras de muitas lembranças. Talvez isso se tenha dado pelo perfil do grupo, que reunia pessoas mais velhas, na faixa dos 50 e 60 anos. E os mais novos, na faixa dos 30 anos, mostravam um certo interesse e curiosidade pelas lembranças e referências a uma Cuiabá antiga que eles próprios não vivenciaram. Nos que tinham essas memórias, era possível de identificar um tom de saudosismo no seu discurso, uma certa nostalgia de uma Cuiabá idílica. O mais interessante é que esse tom nostálgico parecia passar também ao discurso dos que não viveram na “Cuiabá de antigamente”, como se todos ali naquele grupo, de repente, quisessem ter a experiência de uma cidade ideal, sem violência, calma, paradisíaca, com a natureza abundante a oferecer seus frutos, com o rio a oferecer seus peixes.

Essa atmosfera saudosista pairou sobre grande parte dos encontros do grupo. Os participantes produziram narrativas sobre a falta que sentem de alguns locais (praças que já não mais existem, igrejas que foram demolidas, etc.). Alguns locais ainda existem, mas não da forma que foi vivenciada no passado, tratam-se de parques que passaram por remodelações urbanas e agora já não são mais sentidos como convidativos para que se os frequente, rios que foram canalizados em grandes trechos, feiras livres onde importava mais o encontro e a troca existente nas relações humanas do que as trocas comerciais. A retomada de conteúdos da infância foi constante, com relatos sobre brincadeiras comuns (brincadeiras de roda, pique-latinha, batata-quente, passa-anel, bolita).

O grupo trouxe muito da história de Cuiabá, de seus aspectos sociais e culturais, contando lendas (saci-pererê, o “minhocão”), ressaltando a cultura cuiabana, falando da culinária e seus apetrechos (o peixe assado, a farofa de banana, o caldinho de piranha, o guaraná ralado, a grossa, o pilão), dos artesanatos (a cerâmica de São Gonçalo, as redes de tapeçaria), falando de danças e ritmos típicos como o siriri, o cururu, o rasqueado, o vanerão, o lambadão, falando de seus instrumentos (a viola de cocho, o ganzá, o mocho). Para o grupo, muito se perdeu da tradição cuiabana. Uma discussão interessante que surgiu no grupo foi sobre “o que deve e o que não deve” ser considerado cultura cuiabana. A questão surgiu com o tema do lambadão, uma dança que faz uma espécie de sincretismo entre a lambada e os ritmos da terra, como o vanerão. Na opinião de alguns, o lambadão não deveria ser considerado da cultura cuiabana, pois trata-se de uma dança que surgiu nos cabarés, com forte apelo sexual, numa desvirtuação do original. Para outros, no entanto, trata-se de cultura cuiabana sim, e o fato de ter surgido nas zonas de meretrício ou de ser uma transformação de um ritmo mais tradicional não diminuem em nada o seu valor.

Esse grupo especialmente demorou para passar do puro discurso à execução das representações plásticas. A escolha foi por um único trecho da maquete, a peça que continha o bairro do Porto, um dos mais antigos da cidade e onde se situa boa parte das manifestações culturais da cidade (museus, aquário municipal, feiras, comunidades que cultivam as tradições culturais da cidade).

Considerações Finais

O fato de o grupo matutino de quinta-feira ser um grupo pré-existente de orientação social, no qual são discutidas questões relativas à cidadania e a cultura, parece ter impingido ao trabalho da maquete realizado uma direção de resgate de uma identidade cultural, inclusive com renegação de conteúdos agressivos que haviam emergido durante as narrativas. Lado a lado com a constatação de uma deterioração da cidade, em termos ambientais e sociais, emergia uma preocupação em levantar os pontos positivos da cidade, e nas representações plásticas não entrou nada de “feio”, “degradado” ou “violento”. A cidade construída pelos participantes foi uma cidade reparada, e de certa forma também parada no tempo.

Causou-nos certo estranhamento uma certa característica desse grupo em relação a nós, bolsistas e tutora do PET, que às vezes éramos referidas como “pessoas de fora”. É como se o grupo tivesse uma forte identidade grupal e se esforçasse por receber bem as estrangeiras, “porque às vezes as pessoas de fora também podem trazer coisas boas”.

Consideramos que o trabalho realizado pelo grupo propiciou o contato dos participantes com suas vivências afetivas da cidade, especialmente pelo trabalho de rememoração de cenas do passado. Em certos momentos, foi constatado pelos participantes que atividades lúdicas e plásticas podem levá-los a descobrir, ainda que “mais tarde na vida”, gostos e inclinações artísticas antes insuspeitadas. O trabalho teve muitos traços de reconstrução de uma Cuiabá de outrora, nos remetendo a uma ideia por um esforço de reparação.

O objetivo de favorecer a reflexão acerca dos laços sociais estabelecidos por estes em seu território foi também parcialmente alcançado. Dizemos parcialmente porque os participantes primaram por valorizar o que a cidade oferece em termos culturais e humanos, mas ao mesmo tempo, tudo pareceu acompanhado de uma lamentação pelo passado perdido, como se hoje não fosse possível manter uma qualidade de relações e laços sociais comparáveis à qualidade que se tinha no passado. Os participantes nos deram uma impressão de descrença nas relações atuais, uma quebra de confiança no presente e no humano, difícil de ser reconquistada.

Mal houve espaço no grupo para se trabalhar o objetivo de propiciar uma visão geral dos serviços da rede de atenção psicossocial ofertados na cidade, pela própria circunscrição a um único bairro da cidade pelo qual o grupo optou. A homogeneidade da escolha do trecho a se trabalhar foi algo que de certa forma nos surpreendeu, pois esperávamos que cada participante escolhesse pontos da cidade que estivesse mais ligado a suas vivências. Nossa hipótese é de que o grupo, por ser pré-existente à maquete e por ter um histórico de trabalhar questões de direito e cidadania, acaba por homogeneizar as histórias pessoais. Que todo cidadão é igual e que todos gozam dos mesmos direitos é um princípio democrático básico. Por outro lado, em toda essa igualdade pode estar se perdendo justamente a riqueza do que é desigual, singular.

Referências

Brasil. Ministério da Saúde. (2004). *Legislação em Saúde Mental 1990 – 2004*. 5º Ed. Recuperado em 14 de junho, 2011, de

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/legislacao_mental.pdf

Brasil. Leis; Decretos. (2004). Lei 10.216 de 6 de abril de 2001. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Legislação em Saúde Mental: 1990 – 2004*. 5ª ed. Brasília. P.243-51.

Freud, S. (1919). O Estranho. In: *FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XVII, pp. 235-69. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Silveira, N (1981). *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra.